



Universidade da Amazônia

Pedro Gobá

de Ezequiel Freire

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Pedro Gobá
de Ezequiel Freire

Pedro Gobá
x
Episódio da Vida Rural

(Ao Grande Artista da Língua Portuguesa) (*)

Querido Mestre,

Felizmente para vós, grande alma de artista, e felizmente para nós brasileiros, vieste à nossa pátria, que vos honra e vos ama, já quase a findar-se a tragédia negra em que temos representado o vergonhoso papel de verdugo de uma raça bruta e mísera. Justo que sois, que confessastes a proveniência histórica desta herança de sangue e lama; e atribuindo à vossa pátria metade do crime, atenuastes de metade a responsabilidade da minha pátria. Que os vossos olhos encontrem no seio desta Natureza americana belezas em que agradavelmente pousem para que não os atraia, magoando-vos a sensibilidade de artista e revoltando-vos a consciência do filósofo e do crítico, esta mancha da nossa pátria — o negro.

E quando tiverdes a fazer a conta da escravidão, lembrai-vos de que só uma herança maldita, tomando-nos no berço e influindo sobre nossa alma desde a infância por todas as sugestões da educação e do exemplo, pôde suplantar a generosidade inata deste povo através do qual ides passando entre alas de sorrisos afetuosos e de corações comovidos.

Ezequiel Freire
(*) *O autor se refere a Ramalho Urtigão.*

Maio, nas fazendas , é um mês de azáfama.

Colheram-se as roças; empaiolou-se o mantimento. Topetadas até as cumieiras, garantem as tulhas um ano de fartura. Malhou-se feijão; bateu-se o arroz; quebrou-se o milho; arrancaram-se as túberas de toda a casta. Vêm chegando do *mato-dentro* as derradeiras carradas. Chiam desesperadamente os grandes carros circundados por alta esteira de taquara entrançada que boja com a pressão da carga. Pausadamente, entra pelo terreiro a longa fila de bois, cangados aos pares, pares no pêlo e no porte. Os da guia, retacos, dorso recurvo, pescoço alongado, focinho abeirando a terra, esticam as tiradeiras, vergando os canzís, ao esforço da tração. Corpulentos, possantes, pampas de amarelo e branco, cabeça ao ar, entrechocando as armações luzidias, marcham pesadamente os do couce, em passo processional e atitude de resistência, escorando, no cangote pelado pelo diuturno atrito da canga, o peso enorme da carrada.

De pé sobre o cabeçalho, seguro por uma das mãos a um fueiro, com a outra, brande o carreiro alentado e retinto uma comprida aguilhada, em cuja extremidade chocalha entre argolas a roseta de ferro, de puas mais temíveis ao couro bovino do que o ferrão da motuca.

Eia, Lavrado! Fasta, Barroso! Carrega, Damasco!

E, obediente ao comando, a destra boiada contorna a linha das senzalas, marcando o lento passo ao monótono chiar do carro.

Por todo o largo terreiro uma grande alacridade barulha entre a criação doméstica, ao desabar da carga, à beira do paiol. Acodem avoando as aves: grasnam os palmípedes, gritam as galinhas, grugulam os perus; enquanto teimosamente grunhem a leitoada miúda, torvelinhante em derredor do monte, faiscando por entre o milho os tenros mogangas alaranjados tão doces ao dente do bácoro guloso.

De bodoque em punho um *rio-branco* traquinas, de cor de braúna, mantém o respeito entre a bicharia ruidosa, arredando a pelotadas certeiras os insofridos e os brigões.

Toda a fazenda ostenta um aspecto de abundância e fartura. O mantimento anda a rodo. Cavalos de estimação, pêlo luzidio, garupa redonda, relinham impacientes no cercado. Nédia e forte aguarda a boiada o rude labor dos meses da colheita.

Tudo está pronto para o início da safra. Os cafezais prometem. O ano passado fora de falha; neste a carga é de vergar.

De ponta a ponta do terreiro, indo e vindo, abstraidamente, o fazendeiro calcula : — “20 contos, pelo menos, líquidos, sejam para reformar a minha gente, 12 peças de lei, molecotes de 15 a 25 anos, na flor da idade, cerne puro. Mais duas safras desta, e mando ao diabo a hipoteca e o Banco”.

Entrementes, na alpendrada das senzalas, a um canto, os taquareiros se ativam; e ao longo dos balaústres, em rumas simétricas, se alinham as sururucas, os balaies de alqueires, as peneiras rasas de abanar.

No cafezal:

Está limpa e ciscada a terra para receber as bagas que transbordarem das peneiras com a pressurosa apanhação... Porque em principio de colheita a tarefa é alta e o Maurício feitor aperta o serviço, a estralos de relho sobre o lombo nu da negrada, que escorre em suor, encrostado de poeira, alternadamente mordido, — de manhã, pelo frio orvalho que esborrifa das árvores, — alto dia pela soalheira que mordica a pele como a dentada cáustica da formiga-monjolo.

Os cafeeiros, vermelhos de frutos, deixam vergarem-se os galhos flexíveis. É uma carga enorme!

— “Desta vez tiro o pé do lodo”, continua meditando o fazendeiro, indo e vindo, abstraído, inteiramente alheio àquela grande alacridade que em derredor barulha por todo o vasto terreiro entre a criação doméstica...

Domingo, ao entardecer, o sino da fazenda tocou à forma geral.

Vieram depressa os moços, trotando; depois as negras, com as crias novas ao colo, arrastando pela mão um ou dois *ingênuos* seminus e magritos; por último, com trôpego passo, os sexagenários, alquebrados veteranos do eito, perrengada inválida e inútil.

Salva! Manda o feitor.

Vaássuns Cristo! Bradam 50 míseros negros, num clamor uníssono, vibrante e merencório, como uma imprecação à surda justiça de Deus, tantas vezes neste triste ermo bradada, sem que ninguém a exalce; nem tu, duro egoísmo do senhor de escravos; nem tu, meigo coração de esposa; nem vós, inconscientes e insensíveis ainda crianças que ides crescendo no espetáculo e nos exemplos desta dolorosa

infâmia, que veio de vossos pais e que haveis de legar a vossos filhos!... Ninguém, ninguém te exalça, melancólico brado de angústia; e tu não irás mais alto nem mais longe do que vão o mugido dos bois e o ladrar dos cães; e te perderás, voz animal que tu és, entre as outras vozes da animalidade que te rodeia, no ar morto e sem ecos da Fazenda!

Vaásssuncristo!...

Em seguida, faz-se a distribuição anual da roupa: dois pares de algodão, japona de baeta, coberta de lã grosseira; porque o dono desta Fazenda é generoso ... Outro fora, e dar-te-ia, pobre pária, para cobrir-te a nudez lutulenta — de manhã, o frio nevoeiro cortante dos eitos — alto dia, o sol que te morde a pele como a penugem cáustica da urtiga.

No dia seguinte tinha de dar-se princípio à colheita.

Para que a solenidade fosse completa distribuiu-se pelos negros aguardente e fumo, indo o Maurício com a canequinha de lata, ao longo da fila, dando a cada qual um gole, que o negro sorvia com a beatitude de um padre emborcando o cálice consagrado.

“Agora, disse o Fazendeiro, indicando com o cabo do relho a melhor peça da fila: amanhã começa a apanhação; Gobá é o tarefeiro. No cafezal novo a tarefa, 10 alqueires. Cada alqueire que passar dos dez, — duzentos réis; cada alqueire que faltar, — uma dúzia de couro. Ouviram?”

— “*Si siô!*” Responde o eito num só grito com o automatismo dos entes em cujas almas a diuturnidade da escravidão sob o regime cru das senzalas obliterou a pouco e pouco, e de todo, o sentimento da personalidade.

Vergonhosamente, nesta pátria aviltada, a promiscuidade é a lei capital que regula as relações do amor entre a escravatura. Raro fazendeiro — ainda hoje! — permite o casamento religioso aos seus negros. Como em certas hipóteses o moderno direito pátrio concede vantagens manumissórias aos cônjuges escravos, o fazendeiro, receoso dos efeitos, obsta à aparição da causa impedindo o sacramento, que — demais — ele considera como um luxo de dignidade supérfluo para a honra do preto.

Todavia, pois que é conveniente no próprio interesse da disciplina das senzalas, aparentar alguma moralidade, os nossos grandes proprietários rurais, alguns deles portadores de títulos de nobreza consentem (quando pessoalmente não promovem) o concubinato entre a escravatura.

Alguns levam a solicitude ao excesso de eles próprios designarem os nubentes e sacramentarem o conúbio, com a tranquila consciência de quem exerce dentro do seu latifúndio uma legítima função senhorial; outros deixam aos próprios interessados os cuidados da eleição.

Estes curiosos casamentos, nota simultaneamente cômica e torpe dos nossos costumes agrícolas, dão-se com a maior frequência na época da colheita do café; e são, principalmente com referência às mulheres, determinados mais por um cálculo interesseiro do trabalho do que pelo intuito genésico ou pelos impulsos naturais da simpatia.

O que importa para interesse da Fazenda é “aparelhar-se a gente”, formando de um negro diligente e destro com uma crioula morosa e inábil — uma entidade mista, espécie de trabalhador andrógino cujos constituintes perfeitamente se equilibrem para o exercício desta suprema função agrícola — dar a tarefa marcada.

Fazendeiros há, de tanta sagacidade no arranjo destas delicadas equações da aritmética rural, que, possuindo no eito, entre peças de lei (do preço de 2 a 3

contos) e velhos perrengues (herdados da fazenda paterna) apanhadores que tiram por dia até 16 alqueires nos cafezais carregados, quando outros nem à força de relho chegam a atingir 3 ou 4 balaies; — entretanto, por meio da referida organização conjugal sabiamente exploradas, conseguem obter o equilíbrio do eito, do que resultam inapreciáveis vantagens.

Bem hajas, prole maldita de Cham, que nos libertas, a nós que no cimo do Ararat soubemos pela sisudez dos nossos avós bíblicos conter o riso ante a descompostura vínica do papai Noé; bem hajas, prole bendita, que amassa o nosso pão com o suor do rosto.

Tecla é a mulata mais bonita da fazenda. Sob os seus precoces treze anos borbulha o ardente sangue mestiço, inflando-lhes as veias que serpenteiam túmidas debaixo da pele acobreada, pubescente, de tons quentes como os do gerivá, verdoengo. — “Flor de cafeeiro”, deve ser colhida pelo melhor apanhador de todo o eito.

Pedro Gobá, de Olinda, veio num comboio escolhido a dedo, de gente de *primeira ordem*. Moço atlético, retinto, forte e dócil, é a melhor *peça* dentre toda a escravatura. Para tocar uma enxada, cantando uma cantilena triste, morro acima, num eito de mato bravo, ninguém como ele!

No manejo da foice, à roçada de um guaixumal de pasto velho, nem o Peroba o acompanha: e, entretanto era Peroba o melhor crioulo da redondeza, antes de aparecer o Gobá.

Naquele dia inicial da colheita, Tecla — a flor do cafeeiro, bonita e indolente na exuberante precocidade dos seus treze anos, foi escolhida por Gobá, o tarefeiro, rei da negrada.

Casou-os o Balbino, velho africano feiticeiro e manhoso, puxador do Terço, que exercia na fazenda um arremedo de funções sacerdotais.

Era ele quem paramentado com uma sobrepeliz por cima de uma batina de seda — feita de um dominó carnavalesco que lhe dera o senhor moço estudante em São Paulo — casava os parceiros, todos os anos véspera da colheita, no oratório da Fazenda, perante um Cristo envergonhado da sua impotência para aliviar a miséria da raça negra maldita, condenada pelo Padre Eterno da legenda bíblica a eternamente trabalhar em benefício nosso, dos que temos pais fazendeiros e contamos por avós históricos — Sem e Jafet.

Tecla, confiada no esforço dedicado do marido, acompanhava-o entre os arruados dos cafeeiros, toda atenta a resguardar dos galhos secos o seu vestido de chita, por que se não rasgasse; e esquecida da tarefa, ia cantarolando, eito acima, a mesma toada triste da cantiga do marido.

Gobá excedia-se de diligência para colher a tarefa sua e da mulher.

Ao largar o serviço à noitinha, contou às chapas que o feitor lhe dera a cada balaio de café levado ao monte: eram 15. Depois contou as da Tecla: eram 3. Faltavam duas para inteirar a tarefa da companheira: e o *senhor* bem lhes havia avisado:

“O que faltar para 10, uma dúzia de relho por alqueire! ...”

À noite, na forma, recebiam-se as chapas da tarefa. Dois moleques, nas extremidades da fila, suspendiam ao ar tachos de taquara-seca em labaredas.

A negrura daquela mísera gente, ao clarão do fogo, mais negra ainda se tornava Cabisbaixos, mudos, iam entregando os discosinhos de Flandres, à proporção que o Maurício os tomava, passando-os depois, para verificação, ao feitor

do terreiro. Sob o alpendre da casa, a família dos brancos assistia curiosa contagem: João Cassange, 10. Pedro Crioulo, 12. Nazário, 11. Tecla, 8.

E o Maurício, feitor prático, tomando o seu grande relho de couro trançado, intimou: Tecla fora de forma.

Era o primeiro castigo por falta de tarefa, crime imperdoável na alta justiça dos fazendeiros.

Tremendo, a mulata, “flor de cafeeiro”, mimosa no abrolhar dos seus treze anos, saiu para frente da fila, quedou-se imóvel, erguendo os braços para que o relho vibrado a dois pulsos pudesse enlaçar-lhe num cingulo de dor o torso flexível e esbelto de mestiça nova. Mas antes que a primeira relhada caísse sobre a carne trêmula daquela criança apenas revestida no busto pelo fino morim da sua camisa de noivado, Pedro Gobá interpõe-se, e se ajoelha. — Sinhô! Murmura comovido, com as mãos postas em súplica, voltado para a família dos brancos o rosto sempre risonho, agora crispado pelas contrações da angústia. Sinhô! Repete mais trêmulo ainda.

Que é lá, negro? Brada o fazendeiro irado ante aquele ato de indisciplina. Sinhô, eu quero apanhar por minha mulher!

Ah! Negro você conta histórias!...

Mas antes que ninguém tivesse tempo de mover-se, dominados todos pela surpresa daquela cena, Gobá, o Pernambucano de raça, altivo e nobre no íntimo da sua alma admirável, debalde abafada desde o berço pela dominação dos senhores; Gobá, a flor da escravatura, manso e bom, subitamente transformado em homem pelo irresistível impulso da nobreza inata, arranca da faca e crava-a no coração da mulher.

Depois, enquanto ela tomba inanimada, ele, placidamente, fitando com um ar de asco a família atônita dos brancos, placidamente crava a faca ainda rubra e quente no seu próprio coração.

7/10/87

Correspondência de agradecimento de Ramalho Urtigão:

Rio, 15 de outubro 1887

Meu bom amigo,

Somente ontem, aqui no Rio, li o conto encantador que me dedicou na Província de São Paulo. Esta página é uma obra prima. Pela intensidade do colorido e pela vibração do sentimento local recorda-me alguns trechos da vida rústica da Rússia narrados por “Tourgueneff” ou por “Tolstoi”. Além disso, para o encanto do meu ouvido, V. tem o vocábulo o mais precioso, o mais nítido e o mais forte.

A sua bela prosa neste precioso conto soa como um punhado de moedas de ouro saídas da cunhagem, ásperas das serrilhas, frescas, reluzentes e sonoras de têmpera e liga.

Ramalho Urtigão

FIM